

Espaço Sônico *in progress*: a escuta como resistência no espaço urbano¹

Marcello Monteiro Gabbay²

Universidade São Judas Tadeu

Resumo

O presente artigo apresenta resultados preliminares do projeto de extensão universitária “Paisagem Sonora: aplicação experimental de um ‘espaço sônico’”, coordenado por este autor na Universidade São Judas Tadeu (SP), que resultou na elaboração e aplicação de um experimento sonoro itinerante denominado *Espaço Sônico* no bairro da Mooca, em São Paulo. O experimento se volta para a proposição do reequilíbrio da paisagem sonora contra a desenfreada ocupação da indústria imobiliária na região após a pandemia da Covid-19, visando estabelecer possibilidades de uma ocupação mais cidadã e vinculativa do espaço público.

Palavras-chave: paisagem sonora; cidadania; espaço sônico; cidades.

1. Introdução

A experiência da Covid-19 esvaziou as cidades e inflou o tempo do trabalho remoto, esvaziado o conceito de cidadania como ação popular na cidade. No entanto, o retorno às ruas não trouxe consigo uma reflexão sobre a reocupação dos espaços. Pelo contrário, parece sugerir um modo de vida mais acelerado e desordenado. Neste texto, refletimos sobre o papel do ideal comunitário na re-construção de um projeto de cidade mais democrático, especialmente depois da pandemia, quando a interrupção de muitas iniciativas de ocupação do espaço público legou um contexto de ansiedade e isolamento social. Inspirados em uma perspectiva psicossocial e comunicacional (GABBAY e DIAS, 2022), apresentamos os resultados preliminares de um projeto experimental de intervenção na paisagem sonora em São Paulo por meio do *Espaço Sônico*, um protótipo para uma estrutura itinerante de escuta de paisagens sonoras, visando a promoção da saúde e bem-estar urbano e social, promovendo uma cidade mais inclusiva e diversa, especialmente quanto à vulnerabilidade social da região. O protótipo do *Espaço Sônico* foi elaborado na USJT Mooca, com alunos de Comunicação, Arquitetura

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Especialista em Musicoterapia (FMU) e em Psicologia Analítica (IJEP). Músico e professor na USJT. E-mail: marcellogabbay@uol.com.br

e Psicologia. O objetivo é produzir e monitorar mecanismos para crítica das formas de ocupação da cidade, visando contribuir com o bem-estar e para uma urbanização mais inclusiva e sustentável.

2. O Papel do Ser Humano Após a Pandemia

As várias medidas de quarentena e isolamento social decretadas a partir do endurecimento da pandemia da Covid-19 em 2020 levaram populações inteiras para dentro de casa. Em algumas cidades, como Londres, a saída aos supermercados e farmácias era regulada pela polícia. Logo começaram a circular imagens de centros urbanos, antes superocupados, agora vazios. Uma imagem da Rua 25 de Março, em São Paulo, circulava na Internet, mostrando o maior centro comercial do Brasil de portas fechadas. Mas o mais impressionante foi quando animais selvagens começaram a aparecer em centros urbanos desocupados. Uma imagem de cabras da montanha caminhando em frente a lojas fechadas em Llandudno, no País de Gales, ou ainda um chagal nas ruas de Tel Aviv, Israel, cavalos pastando em um parquinho infantil em Izmir, na Turquia. Um guaxinim em Nova York, ovelhas em Montpellier, leões marinhos na Argentina. Foram muitas as imagens¹. O clamor girava em torno da ideia de que sem a ocupação humana, a natureza poderia voltar a crescer.

Anos antes, no filme “Que Horas Ela Volta?”, de Ana Muylaerte, 2015, as personagens Jéssica e José Carlos visitam o edifício Copam, no centro de São Paulo, e comentam, ao observarem o horizonte de prédios que se os seres humanos desaparecessem, em cem anos a maior metrópole do país voltaria a ser uma grande floresta. A informação não procede exatamente assim. Na própria cena, as personagens duvidam do prazo de cem anos, mas o importante é que a ideia de que as pessoas ocupam os espaços de forma equivocada povoa nosso imaginário, e teve, na pandemia da Covid-19, a chance de aflorar como reflexão coletiva.

Por um momento, a ideia de retomar as cidades de forma mais planejada, consciente e sustentável teve sua chance no clamor coletivo da pandemia. Mas o passar dos anos parece apontar uma retomada marcada pela ansiedade e pela ocupação do tempo da vida com mais atividades remotas mediadas pela telepresença. Ou seja, em vez nos voltarmos a reocupar os espaços públicos com mais sabedoria, ocupamos o

espaço privado com mais trabalho remoto, nos afastando ainda mais das dinâmicas de convivência.

Apenas a título de exemplo, duas notícias apontam nesta trágica direção. Em janeiro de 2023, a Prefeitura de São Paulo lançou um projeto que habilitava 70 vagas de estacionamento sobre os calçadões históricos da região da Sé, onde estão a Catedral e o Theatro Municipal, ampliando um projeto de cidade que privilegia o carro particular, e ignora os cuidados com a memória urbana e arquitetônica, além do bem estar ambiental, sonoro e social. No dia 6 de fevereiro de 2023, uma secular samaumeira de 25 metros de altura, localizada na Concha Acústica de Nazaré, no centro de Belém do Pará, desabou, tendo de ser removida. Símbolo da flora amazônica, a samaumeira sofria há décadas o descaso das autoridades, negligenciando sua presença e representatividade tanto cultural, como histórica e ecológica.

Estes fatos, como tantos outros, apontam o descaso no projeto de cidade, mais alarmante após a experiência da pandemia, e do sentimento de ansiedade existencial por ela deixado.

Neste contexto, a preocupação com a retomada das cidades deve ser assumida pelos movimentos sociais, culturais e comunitários, mirando na proposição de espaços e práticas alternativos ao modelo especulativo e irresponsável da indústria imobiliária. Um levantamento realizado pela Administradora Imobiliária Lello, publicado na Folha de São Paulo em agosto de 2023, pressupõe que a cidade de São Paulo terá 46 mil novos apartamentos até o final do mesmo ano e mais cerca de 2 mil novos condomínios residenciais até 2025. Este dado representa um aumento de 30% em relação ao ano anterior (BRANCO, 2023).

Segundo a mesma reportagem da Folha de São Paulo, os motivos desse aumento na construção civil seriam a redução da taxa Selic em 0,50% pelo Banco Central, e o novo Plano Diretor da cidade que estimula o investimento de construtoras e incorporadoras e terrenos mais afastados do transporte público coletivo, privatizando ainda mais espaços antes desatendidos pelo serviço de metrô e trem, e reproduzindo um efeito de substituição da população carente por investidores e classes médias altas, uma vez que a maioria dos novos imóveis conta com mais de 100 m². É o mesmo fenômeno social de gentrificação dos espaços que transformou o Rio de Janeiro de Pereira Passos, no século XIX, na “cidade dos artistas” (PAIVA e SODRÉ, 2004) do século XX, expulsando imigrantes e famílias pobres do morro da providência para a construção da

Cinelândia, e que ajudaria no processo, hoje crítico em tantas grandes cidades, de isolamento geográfico e social das regiões periféricas.

Por um lado, temos um avanço da construção civil comercial no pós-pandemia, contribuindo para a especulação dos espaços públicos nas cidades; por outro lado, temos um descaso com a relação entre espaços públicos, processos vinculativos e a paisagem sonora das cidades. Ambos fenômenos integrados a um cenário que ignorou os sinais lançados pela pandemia da Covid-19 sobre a necessidade de reflexão acerca da vida urbana e do comportamento hostil das sociedades em relação ao espaço público. Neste cenário nasce o projeto de nosso *Espaço Sônico*.

3. O Espaço Sônico

O *Espaço Sônico* se apresenta como uma proposta de intervenção urbana *in progress*, resultante do projeto de extensão universitária “Paisagem Sonora: aplicação experimental de um ‘espaço sônico’”, coordenado por este autor na Universidade São Judas Tadeu, no bairro da Mooca, Zona Leste de São Paulo, voltado a colaborar com as tentativas de resistências e insurgências no campo da escuta como forma de sobrevivência psicossocial na cidade. Inspirados pelos processos anteriores de mapeamento sonoro dos entornos da Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, durante e depois do período crítico da pandemia da Covid-19, e pela proposição de “agência sônica” do artista e pesquisador norueguês Brandon Labelle (2022), este projeto se lançou na construção experimental de um *Espaço Sônico*, um protótipo para uma estrutura itinerante de escuta de paisagens sonoras, a ser aplicada em espaços de grande circulação, visando a construção de uma cidade mais inclusiva e diversa, especialmente no cenário de ansiedade extrema deixado pela pandemia da Covid-19.

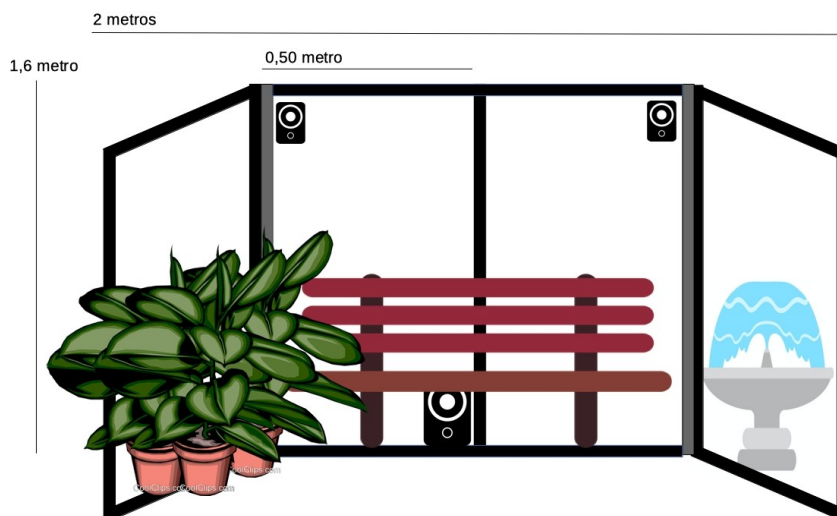
A experiência se dá como consequência de ações anteriores do mesmo projeto, iniciado em 2020, durante as medidas restritivas da pandemia. Naquele ano, em novembro, os alunos saíram para medir e avaliar a paisagem sonora da região entorno dos campi Butantã e Mooca da USJT, quando as ruas ainda estavam com menor ocupação em seu cotidiano. Um ano e meio depois, os alunos retornaram aos mesmos lugares para refazer a medida em um cenário de retomada da vida nas ruas. Um estudo comparativo (GABBAY e DIAS, 2022) revelou que o maior dano psicossocial causado pela paisagem sonora não é quantitativo mas qualitativo.

O protótipo do *Espaço Sônico* foi elaborado com alunos de Comunicação, Arquitetura e Psicologia, constando de um biombo acústico de 1 metro e 70 centímetros de altura, e 2 metros de largura dobráveis em 4 lâminas de 50 centímetros cada, formando um pequeno espaço em “U”, como uma concha acústica. Dentro deste biombo, um acento foi instalado para uma pessoa apenas, ladeado por materiais de contensão de ruído, como plantas e água corrente, e de um sistema de som 2.1 com um arquivo sonoro composto a partir de coletas, registros e gravações de sons de parques da cidade como contraponto aos gatilhos sonoros de ansiedade urbana (Imagem 1).

Imagem 1: croqui inicial do *Espaço Sônico* elaborado por este autor com alunos do projeto de extensão “Paisagem Sonora” da USJT em 2022.

Planta da instalação “Espaço Sonoro”
Projeto de Extensão Paisagem Sonora Mooca, USJT, 2022/2
Prof. DsC. Marcello M. Gabbay

sãojudas



Esta etapa do projeto trouxe a oportunidade de finalmente aplicar o protótipo de *Espaço Sônico* como um ambiente de escuta de paisagem sonora pensado para restaurar o bem-estar e os vínculos comunicativos do lugar a partir da provocação de uma sonoridade alternativa à sonoridade imposta pela ordem capitalista de ocupação urbana, atuando como uma estratégias de intervenção na região em benefício da comunidade

local, visando um processo de urbanização mais inclusivo, sustentável, participativo e democrático; bem como a promoção do vínculo social e do bem-estar urbano.

A perspectiva aplicada do projeto se sustenta na ideia de que, segundo Schafer (2019, p. 77-82), as grandes cidades são dominadas por sons tiranos; os sons que tensionam a régua auditiva para a unilateralidade produtivista da vida urbana e do capital, silenciando sons da vida popular ou alternativa, como os *convercês*, ocupações artísticas autônomas, passeios e demais formas de existência orgânica na cidade. Sustenta-se também na ideia de unilateralidade como desequilíbrio da psicologia coletiva de um lugar (JUNG, 2013, p. 68-69), privilegiando aspectos psicossociais produtivistas e racionalistas em função da invisibilização ou silenciamento de seus aspectos opostos. É esta também a perspectiva de Byung-Chul Han (2019, p. 40), segundo quem os perigos de uma cultura da unilateralidade em favor do liso, das superfícies sem estrias, sem contornos resulta em uma forma de rejeição da dor, o que estaria a favor do consumismo imediato. É também uma forma de rejeição do outro e da diferença.

Dentro deste espaço, um sistema de som 2.1, distribuído em três caixas de som recarregáveis – o que possibilita a itinerância do experimento – reproduz os sons ambientais gravados no interior do Parque da Mooca, uma área localizada em frente a Universidade São Judas Tadeu, contando com trilhas, pequenos bosques, um clube aquático público, uma UPA, duas Escolas Municipais, uma Escola Especial, e a Biblioteca Pública Afonso Taunay. Estes sons contêm, portanto, aspectos de cidade e de vegetação, produzindo uma espécie de equilíbrio possível entre orvalho, vento, copas de árvores, pássaros, movimento humano, pequenos diálogos ao fundo, bicicletas, etc. O objetivo era usar esta paisagem sonora como contraponto de equilíbrio para o som maquínico das ruas.

As dez aplicações do *Espaço Sônico* passaram por territórios selecionados por sua alta movimentação, como o próprio campus da USJT, o metrô Bresser-Mooca, o acesso à ETEC Camargo Aranha, e a Rua Taquari. Em todas estas experiências, pudemos observar as dinâmicas de interferência do espaço sonoro no cotidiano, seja direta ou indiretamente, produzindo desaceleração, interesse estético e repouso do estresse, observados a partir de nosso protocolo comportamental (formulário desenvolvido pelos alunos de Psicologia), colaborando para a produção de bem-estar e redução da ansiedade.

Os formulários de observação comportamental ainda não foram totalmente avaliados, mas com base na experiência de campo, podemos notar o uso do *Espaço Sônico* como ponto de repouso em relação ao ritmo da cidade, considerando este ritmo não só pelo viés do deslocamento, mas pela forma estética com que vivemos o urbano, acelerando o pensamento, as relações e o olhar sobre o espaço e o outro. A título de ilustração, uma das aplicações do *Espaço Sônico* no metrô Bresser-Moooca, em maio de 2023, revelou uma imagem emblemática do projeto, quando um homem voluntariamente sentou com uma criança no colo para fechar os olhos e descansar do trajeto (Imagem 2).

Imagem 2: Registro da aplicação do *Espaço Sônico* em frente ao metrô Bresser-Moooca em maio de 2023.



O protótipo do *Espaço Sônico* foi construído a partir da leitura do livro “Agência Sônica”, onde o professor e artista norueguês Brandon Labelle (2022, p. 22-28) entende que o sonoro atua como “um meio para permitir novas conceituações sobre a esfera pública e sobre as expressões de práticas emancipatórias” por meio de métodos que possibilitem a escuta daquilo que é silenciado pela cidade. Assim, pensamos, metodologicamente, em produzir um espaço de escuta em sua “capacidade de incutir sensibilidade para o que não é ouvido” (LABELLE, 2022, p. 45), voltado a mitigar o estado de ansiedade coletiva gerado pela experiência da pandemia da Covid-19 (DE STAAL e LEVINE, 2021).

Na prática, utilizamos a linguagem sonora a partir de seu potencial psicológico, capaz de mobilizar vínculos e relações com o espaço, o ambiente e o contexto psicossocial (BENENZON, 1988, p. 83; SACKS, 2007); baseados na ideia de “identidade sonora”, onde o sonoro e o musical seriam um dispositivo de comunicação não-verbal com forte potencial mnemônico e psicológico, cuja função é “produzir uma mudança no sistema e na forma de comunicação” (BENENZON, 1988, p. 13; 19; 26). Esta perspectiva eleva o som à qualidade de comunicação sensível, capaz de mobilizar sentidos e vínculos, produzir bem-estar psicossocial.

4. Considerações Preliminares

Até o presente momento, realizamos a aplicação do *Espaço Sônico* em dez sessões ao longo do primeiro semestre de 2023, atendendo a quatro localidades diferentes no bairro da Mooca, em São Paulo. No total, atendemos diretamente cerca de 120 pessoas, que participaram do *Espaço Sônico* em seu caminho de passagem ou local de ocupação no bairro, coletando dados por meio de dois formulários, um de entrevista direta em formato aberto e outro de observação comportamental. Indiretamente, considerando o impacto familiar do projeto, consideramos 1.200 pessoas beneficiadas.

Como resultado qualitativo, relacionado à prática de intervenção comunitária junto à comunidade de moradores, trabalhadores e estudantes da rede pública que ocupa o entorno no campus Mooca da USJT, acreditamos termos desenvolvido, a partir das bases teóricas do projeto, processos de melhoria do bem-estar psicossocial e dos vínculos sociais e comunicacionais na comunidade beneficiada, a serem verificamos na próxima etapa do trabalho com a avaliação dos formulários e imagens registrado.

Nas próximas etapas do projeto pretendemos avaliar criticamente os formulários coletados com a observação da experiência para perceber as possibilidades de melhoria ou ampliação do projeto. Preliminarmente, junto aos alunos de Arquitetura e Urbanismo, consideramos que o experimento do *Espaço Sônico* aponta para a intervenção sonora como dispositivo estético para uma ocupação alternativa da cidade e dos espaços públicos, comprometida com o bem estar e com a permanência e não com a gentrificação e privatização, que hostilizam o espaço e inibem as formas comunitárias de ocupação. Este projeto poderá se ampliar na forma de um “espaço sônico” fixo, ou na forma de processos de intervenção sonora mais colaborativos e itinerantes. O objetivo geral não é estabelecer um formato, mas observar as potencialidades do sonoro como discurso de resistência para a cidadania.

REFERÊNCIAS

- BENENZON, Rolando. **Teoria da Musicoterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- BRANCO, Ana Paula. Cidade de São Paulo terá 46 mil novos apartamentos até o final deste ano. **Folha de São Paulo**, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/cidade-de-sao-paulo-tera-46-mil-novos-apartamentos-ate-o-final-deste-ano.shtml>. Acesso em ago. 2023.
- DE STAAL, Ana, & LEVINE, Howard (orgs.). **Psicanálise e Vida Covidiana**: desamparo coletivo, experiência individual. São Paulo: Ed. Blucher, 2021.
- GABBAY, Marcello e DIAS, Jefferson. Paisagem Sonora e Cidadania: como as cidades podem ser mais abertas à ocupação. In: **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. João Pessoa: UFPB, 2022.
- HAN, Byung-Chul. **A Salvação do Belo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2019.
- JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LABELLE, Brandon. **Agência Sônica**: som e formas emergentes de resistência. São Paulo: Numa, 2022.
- PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. **A Cidade dos Artistas**: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.
- SACKS, Oliver. **Alucinações Musicais**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SCHAFER Murray. **Vozes da Tirania**. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

i <https://noticias.uol.com.br/album/2020/04/22/durante-quarentena-animais-saem-as-ruas-em-centros-urbanos-pelo-mundo.htm?mode=list&foto=6>